

Tomás

(Ou de como o saber vai ter com quem lhe apetecer)

Isabel Pereira Leite

Ilustrações de Tomás Toscano



Esta é a história de um rato especial, um rato com mais de 1000 anos de idade, que responde por variadíssimos nomes: Thomas McMouse, Thomas Beaufort, Tomás, o Rato Sábio. Por ser mais fácil, chamemos-lhe, simplesmente, Tomás.

Tomás era o rato mais velho do laboratório. Já tinha dado o corpo ao manifesto vezes sem conta. Aquela mania imparável de fazerem dele cobaia era uma maçada.

Vá lá que havia compensações: tinha um tecto, alimentavam-no bem, preocupavam-se imensamente com a sua saúde e companhia não lhe faltava.

Mas aquela sensação que lhe vinha de, a cada passo, parecer que tinha engolido um balão cheio de ar era, deveras, incómoda. Havia de passar, como de costume, mas, até que isso acontecesse, era sempre um mau bocado, um muito mau bocado. Estava tão pesado, que mal conseguia mexer-se. Em fases como esta, costumava dedicar-se a congeminções que o levavam a épocas passadas, digamos que às memórias de encarnações anteriores.

Tomás tinha sido mordido, à revelia, em pequeno, por um rato vampiresco, o que lhe garantiria a imortalidade. Acontecera isto por volta do ano 1000.



Uma das suas mais gratas lembranças reportava-se ao tempo em que fora rato de biblioteca e comia pergaminho. Era o tempo das catedrais, que ele próprio visitava com frequência. O tempo em que circulava, sem pressa, entre os monges copistas que desenhavam belas iluminuras nos manuscritos que, com dedicação, iam compondo primorosamente.

O tempo em que muitas vezes temia pela própria vida, tal era o afã com que perseguiram os da sua raça, convencidos que estavam de que as epidemias grassavam por causa deles. Pois sim! Era verdade, mas havia mais quem tivesse culpas no cartório.

Já estivera em Jerusalém, com os Cruzados. Fora e viera no porão de um navio. Tremera como varas verdes, literalmente de pavor, no meio de autênticas carnificinas, entre cruces e gritos que clamavam “Inch´Allah”.

Sempre que se lembrava disso, vinha-lhe ao pensamento um judeu com manias de cartógrafo, com quem, lá mais para diante, passara uma boa temporada em Sagres, numa Escola Náutica, fundada por um Infante com ideias fixas, como aquela de querer alargar horizontes mar adentro.

Conhecera Francis Bacon, grande personagem que tinha em enorme consideração homens de outros tempos (alguns tinham nomes estranhos: árabes? romanos? gregos antigos?) nos quais muitas vezes falava. Embora Tomás jamais se tivesse cruzado com eles, percebera que estavam na origem de coisas deveras importantes.

Também se lembrava de um seu homónimo – Tomás d’Aquino – que até tinha sido feito santo. Aliás, tinha sido uma época em que religião, filosofia e ciência mal se destrinçavam.

Enfrentara Adamastores com Gil Eanes, Diogo Cão, os dois Bartolomeus, Vasco da Gama, Colombo, Cabral. Assistira a discussões acesas a propósito de rotas e destinos, enjoado e agoniado, entre ondas e marés.

Era, efectivamente, um rato viajado. Chegara a roer uma pontinha da Carta do Achatamento do Brasil de um tal Pêro Vaz de Caminha.

Pensando bem, muito roera ele!

Então, naquele dia em que Leonardo terminava o retrato de Mona Lisa, tinha sido uma fartança. Sempre pensara, aliás, que aquele olhar meio desconfiado dela tinha a ver com o que se ia passando nas costas do pintor...

Chamar-lhe pintor era redutor. Tomás conhecera o génio em pessoa, coscuvilhara-lhe os papéis. Por acaso, e já que se lembrava disso, tinha bem presente na memória o arripio que o percorrera quando, cerca de dois séculos mais tarde, assistira, de longe, em Lisboa, à apresentação da novidade que era

a “passarola” de Bartolomeu de Gusmão! Qual novidade, qual quê! E os esquiços de Leonardo? Raça de fraca memória, inconstante e ingrata, persistindo em inventar o que já está inventado! Enfim, adiante...

Mas a verdadeira época de ouro fora a que se seguira à invenção da imprensa. Ah, grande alemão, aquele Gutenberg! A partir daí fora sempre roer até fartar!

À parte o papel, Tomás pelava-se por três manjares de eleição, normalmente guardados em grandes armazéns, cuidadosamente vigiados: canela, cacau e açúcar. Descobertos um a um, acabaram por formar a trilogia perfeita.

O queijo, que associava sempre às ratoeiras nas quais eram apanhados inúmeros amigos seus, nem por isso era do seu agrado. Aliás, achava o género humano presunçoso, já que Tomás considerava estar mais do que provado que quem passava a vida a cair em ratoeiras era essa pobre gente.



Também conhecera artistas notáveis, sendo os pintores e arquitectos renascentistas os mais extraordinários.

Verdadeiramente, porém, Tomás tinha era “queda” para as ciências.

Paracelsio, Mercator, Copérnico, Kepler, Torricelli (que se referia inúmeras vezes a um tal Arquimedes e à sua banheira) tinham-no visto, repetidamente, passar para trás e para diante, como se ele não existisse.

Era triste, sem dúvida, porque Tomás, inevitavelmente analfabeto, era um rato culto, instruído, conhecedor do mundo...

E os iluminados? Aquela gente que não dava descanso aos avanços da ciência e do conhecimento?

Era aquele francês complicado que tinha produzido uma banalidade famosa, enquanto andava à procura sabia-se lá de quê: “Penso, logo existo”. Grande coisa!

Era aquele Isaac Newton, com quem tinha passado um dos momentos mais aflitivos das suas muitas vidas. Acontecera isso quando cheirava as botas que ele descalçara para descansar à vontade debaixo da árvore de onde tinha caído a maçã que lhe acertara na cabeça. Tomás sabia que qualquer maçã seria, para si, fatal, tal como o fora para um certo Adão, omnipresente pelo menos desde que Tomás viera ao mundo. Safara-se por uma unha negra. Newton, tanto quanto se lembrava, acertara com o equilíbrio da Terra, facto de indubitável importância.

Halley, Herschel, sempre nas nuvens, e, depois, Leibniz, Pascal, Huygens e Gray, sempre em estado de choque, tal como Cavendish. E Boyle? E Hooke?, que, entre outras coisas, persistiam em encher salas com gases de mau cheiro!

Muitas, mas mesmo muitas vezes Tomás duvidara da sanidade mental de alguns desses ilustres, mas, desde que não se metessem com ele, ia-se deixando estar.

Curiosas, espantosas eram as geringonças que iam aparecendo na proporção mais ou menos directa da imaginação de cada um. Todas elas, de um modo ou de outro, tinham permitido a Tomás o relativo conforto em que vivia presentemente.

Hales, Malpighi, Harvey, Linné e Ray ainda haviam tentado deitar a mão a Tomás para umas certas experiências. Tomás, que não deixava de ser altruísta (se calhar por não duvidar da sua própria imortalidade) e tinha consciência da importância daquelas, lá se ia prestando ao incómodo, quando se sentia mais aborrecido. Se o resultado satisfazia os interessados, era certo e sabido que logo desatavam a escrever sem parar.

E cada vez havia mais que registar. Aquele já longínquo séc. XIX fora, sem dúvida, importante. Já anteriormente Watt se tinha saído com a máquina a vapor; depois fora Faraday, com a energia eléctrica, e que dizer daquele grande senhor, Charles Darwin, com quem Tomás embarcara, sem querer, no Beagle?

Darwin, cheio de novas teorias que, verdade seja dita, Tomás tivera alguma dificuldade em acompanhar, gerara grande polémica em torno da origem das espécies. Felizmente, tinha quem o defendesse: Huxley, o seu “bulldog”, por exemplo, era, realmente, um cão fiel.

A seguir viera Pasteur, o qual, ao fim e ao cabo, o tempo provara ter sido providencial; e Dalton que, finalmente, dera a Tomás a oportunidade de

perceber por que é que o que uns diziam ser verde, para ele era castanho: com Dalton, Tomás descobrira que, afinal, era daltónico.

Davy, que foi como um deus para os mineiros, com a sua abençoada pilha eléctrica, Young, Perkin, Joule, Ohm, Ampere, Maxwell, todos electrizantes com o seu entusiasmo e apostados em “dar à luz”, em sentido figurado, naturalmente, embora, pelo andar da carruagem, Tomás tivesse já acabado por concluir que até o impossível poderia, um dia, acontecer...

Mendel, biólogo, Geiger, físico, Mendeleïev, químico, outras tantas recordações bem gravadas na memória de Tomás.

Pavlov, aquele russo martirizador de animais... Felizmente, tinha-lhe dado para os cães! E o outro alemão, Freud, de seu nome, que reduzia tudo a complexos rebuscados e “desculpava” toda a gente por causa de um tal inconsciente? Ah, é verdade! Binet e Piaget, preocupados com a inteligência e a educação. Ainda bem que já cá não estavam, pensava Tomás, teriam corrido o risco de morrer do coração, a qualquer momento. Coisa muito séria...

Claro! Não convinha esquecer Edison nem Bell. Quanto a este, Tomás não estava bem certo dos benefícios que quem se aproveitava, agora, do seu invento ia trazendo para a humanidade. Mas, enfim, não esquecerera mais o impacto que tivera nele o ter podido assistir à primeira chamada telefónica.



Entre os mais recentes, Tomás inclinava-se, sem dúvida, para Albert Einstein. Pequenitades, nervozinho, Tomás encontrava nele afinidades. Não tinha dúvidas: fora um privilégio ir acompanhando o desenvolvimento da grande Teoria da Relatividade.

Claro que tinha ouvido comentar, ali no laboratório, que havia já quem a contestasse, mas o melhor seria sempre ir esperando para ver...

O que Tomás não tinha, de todo, querido inspeccionar “in loco” fora a Lua.

Não é que lhe fosse difícil. Na altura, em 1969, até estava perto de Houston, mas era, decididamente, um rato de patas assentes na Terra. Ninguém lhe podia garantir um “desembarque” seguro na Lua, portanto ficara.

Ali se encontrava, pois, numa gaiola arejada e limpa, num conceituadíssimo laboratório americano, a fazer contas à vida e a pensar no melhor processo de proteger os ouvidos desses disparates constantes que ouvia: clonagem, imperialismo, globalização e aquela história da Microsoft e de um certo Bill Gates sempre a meter-se pelo meio.

Vendo melhor, para quem vivia há já mais de 1000 anos, Tomás merecia bem o descanso que a imposta clausura lhe proporcionava.

No meio de histerias colectivas, Tomás dava-se mal: tinha sido assim com aquela insensatez a propósito do fim do mundo, ainda na sua primeira vida.

Tinha sido assim, também, por alturas de uma tal revolução, em França, em 1789: “Ah, ça ira, ça ira, ça ira!” Ainda se lembrava de ter visto rolar a cabeça de Lavoisier, mais tarde reconhecido como o “Pai da Química” – “na Natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”, dizia ele. Tomás sabia que era verdade, ah, como sabia!

Tinha-se visto à nora para atravessar a rua, uma vez, durante uma manifestação feminista. Jurara que nunca mais! Achava as mulheres um tanto desbocadas. Só reconsiderara quando conheceu Marie Curie, essa sim, uma mulher extraordinária.

Claro que assistira a pânicos justificados. O Terramoto de 1755, em Lisboa, por exemplo. E logo no Dia de Todos os Santos. Tinham todos caído dos altares. Um horror!

E todas aquelas malditas guerras, século após século, por todo o lado? Afinal o que é que se aprendia? Que só na violência estava a solução, fosse para o que fosse?!!!

Tomás apercebera-se, já há muito, de que era a força avassaladora do poder irracional que corrompia e desviava homens e nações inteiras de um destino melhor. Se assim não fosse, não havia explicação para holocaustos, “limpezas” étnicas, matanças esdrúxulas, bombas atômicas, guerras sem fim, ódios alimentados ao longo de gerações.

Sempre que isto lhe acudia à memória, lá vinha a lembrança de um outro tempo de trevas – o tempo da Santa Inquisição. O tempo das fogueiras, das perseguições, da intolerância. E chamavam-lhe santa?! Santa Inquisição!

Ah, Galileu Galilei! Quantas vezes Tomás lhe contara os passos repetidos e como recordava nitidamente o que, então, lhe ouvira: “Eppur si muove”.

Tomás tivera sempre alguma dificuldade em perceber por que motivo à luz da razão só faltava o tempo.

Desconfiados, os seres humanos, intransigentes perante o que é evidente. Claudicantes, só com o passar do tempo começavam a aceitar aquilo a que chamavam grandes descobertas da ciência, quando a maior parte delas, para ele, simples rato, já nem sequer eram novidade. Afinal, quem eram esses atrasados mentais, teimosos e tacanhos, que eram capazes de fazer engolir a verdade a quem a conhecia e a tinha na mão para oferecer?

Nisto pensava Tomás, enquanto assistia à morte de uma cobaia sua conhecida. Por isso se sentia tão zangado. Acabaria por lhe passar...

Tomás não temia a nova colheita de sangue que viriam fazer-lhe daí a cinco minutos.

A única coisa que temia era que um dia o mundo acabasse e ele, imortal, por aí ficasse, triste, só e abandonado!

Era precisamente quando se sentia depressivo que puxava, usando toda a força que possuía, pelo seu pensamento positivo, e tentava lembrar-se, com toda a nitidez possível, do que ouvira uma vez, num estúdio onde trabalhavam dois amigos, Uderzo e Gosciny, homens divertidos e bem-humorados, que tinham inventado uma mítica aldeia algures, na antiga Gália, ocupada pelos Romanos, em histórias de faz-de-conta.

Dizia, então, o chefe da aldeia que também só tinha medo de uma coisa: que o céu lhe caísse em cima da cabeça, mas, sendo otimista, continuava, afirmando “Amanhã não será a véspera desse dia!”

E todos os dias dizia o mesmo.